

VELHICE, GÊNERO E INVISIBILIDADE SEGUNDO CLARICE LISPECTOR: UMA VIAGEM A PETRÓPOLIS

Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres (UFES)¹

Adelia Maria Miglievich-Ribeiro (UFES)²

Resumo: Propõe-se a pensar a velhice a partir da análise do conto “Viagem a Petrópolis” de Clarice Lispector, fazendo uso da crítica pós-colonial e suas férteis noções de “silenciamento” e “subalternidade” da indiana Gayatri Spivak, bem como da percepção da “colonialidade” (do poder, do saber, do ser) de Aníbal Quijano e Maldonado-Torres bem como da “colonialidade de gênero”, de María Lugones, adaptados para a singularidade da narrativa. Nosso intento é perceber a sensibilidade de Clarice na construção da personagem Mocinha mediante a qual narra a velhice feminina como experiências de abandono, itinerância e dessubjetivação.

Palavras-chave: Velhice; Clarice Lispector; Colonialidade; Silenciamento; Estudos de gênero.

Clarice Lispector é uma das escritoras de grande relevância no universo literário brasileiro, tendo sua obra dado margem a vários estudos, seja no que tange à reflexão sobre a escrita, seja sobre as questões suscitadas, e, mais recentemente, aquelas concernentes aos estudos de gênero que os críticos passam a identificar em sua produção: impressiona o arcabouço de temas sobre os “femininos” que ela conseguiu fazer reverberar e chegar ao leitor através de sua ficção ainda que nada esteja mais longe de Clarice do que qualquer pretensão de se fazer porta-voz das mulheres. Podemos perguntar, contudo, se seu discurso, na medida em que cativa um público fiel, pode contribuir nos lentos processos de “descolonialidade” do poder, do saber e do ser, numa perspectiva de gênero. Assim, trazemos a obra de Lispector para o horizonte de preocupações do movimento intelectual “modernidade-colonialidade”, a vertente latino-americana da crítica pós-colonial sobre o qual explanaremos.

Clarice Lispector fala, também, de um “lugar”, enquanto mulher, escritora, intelectual que viveu numa sociedade patriarcal, passou pela diáspora, tendo sido seus pais refugiados judeus ucranianos no início do século XX. Foi estrangeira em muitas terras, chegando, no Brasil, muito criança, onde conheceu a pobreza e viu seu pai – a

¹ Doutoranda em Letras (UFES), em Co-Tutela de tese com a Università Ca’Foscari de Venezia. Bolsista Capes. Contato: lilian.lima86@gmail.com.

² Doutora em Ciências Humanas (UFRJ). Pós-Doutora em Educação (ProPed-Uerj). Professora do departamento de ciências sociais na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e do PPG em Letras. Bolsista PQ-Produtividade-CNPq, nível 2 Taxa de Pesquisa Fapes. Contato: miglievich@gmail.com.



mãe já havia falecido – lutar por uma vida mais próspera para suas filhas. A autora buscou na palavra escrita uma forma de expressão, muito provável, de sua própria subalternidade e estranheza no mundo.

Sobre o nosso recorte teórico, é importante destacar que consideramos que o pós-estruturalismo, os estudos chamados pós-coloniais e a crítica literária feminista têm a ganhar ao serem postos em diálogo. Salientamos que, ao trazer essas abordagens para a análise das personagens femininas de Clarice Lispector, não temos qualquer pretensão de enquadrar a escritora nas perspectivas teóricas acima. Nosso intuito é, a partir das indagações e propostas levantadas, apresentar possibilidades de leituras e releituras da obra clariceana.

O tema da velhice é recorrente na produção clariceana, podemos notá-lo em obras como *Onde Estivestes de Noite* (1997), onde três contos se dedicam ao tema: “A partida do trem”, “Onde estivestes de noite”, “As maniganças de Dona Frozina”. Neles, as mulheres são tomadas por um mal-estar e por uma nostalgia do tempo que passou, como afirma Nádya Gotlib (1995). Ou em *Laços de Família* (1994), por meio do conto Feliz aniversário, o qual traz como protagonista a mulher idosa e seus dramas, abandonos e subalternidades. Para a presente análise, optamos pelo conto “Viagem a Petrópolis”, publicado no livro *A legião estrangeira* (1964), pelo modo como Clarice expõe o aprofundamento da subalternidade da mulher idosa, personagem central da obra, e de seu silêncio, até o limite. Para tanto, o estudo bibliográfico e a análise textual compõem o nosso percurso metodológico, guiado pela abordagem crítica acerca do conto analisado.

Velhice e subalternidade em “Viagem a Petrópolis”

“Viagem a Petrópolis” é um dos contos de Clarice Lispector (1999), publicado no livro *A Legião Estrangeira*, que tem como personagem central uma mulher idosa, conhecida por *Mocinha*, porém seu verdadeiro nome é Margarida. Mocinha é descrita, pelo narrador do conto, como uma senhora miúda, seca, que não sabia que estava só no mundo. Ela vivia de casa em casa, mal conhecia os que a acomodavam, foi levada do Maranhão para o Rio de Janeiro por uma mulher que lhe promete lugar num asilo, no entanto, abandonou-a quando ela chegou. No conto, Mocinha encontra-se na casa de



uma família, já há algum tempo. A família quer se livrar dela levando-a para Petrópolis e abandonando-a por lá.

Narrada em terceira pessoa, a vida de Mocinha vai se compondo para o leitor através da perspectiva do narrador. Poucos diálogos aparecem no texto, em sua maioria, não proferidos pela protagonista e, sim, pelos personagens que a cercam. Na obra somente Mocinha, a família que ela já tinha morta e Arnaldo são identificados pelos nomes. Há, portanto, um “[...] ‘jorrar de pensamentos’[...]; flashes de pensamentos; aquilo que na psicologia denomina-se ‘fluxo de consciência’” (ROCHA, 2009, p. 2). Tal atitude aproxima narrador e personagem. Assim, Clarice faz uso, inclusive, do discurso indireto-livre, estratégia linguística da narrativa moderna: “[...] a fala surge, de repente, como se fossem palavras do narrador, mas, na verdade, são as palavras do personagem. Por meio dele, o narrador pode, não apenas reproduzir indiretamente falas das personagens, mas também o que elas falam, mas pensam, sonham, desejam, etc” (ROCHA, 2009, p. 3).

Clarice exhibe a velhice como um peso para a sociedade e o mau-trato ao idoso, visto como alguém que incomoda, a quem é negado ter sentimentos, empreender, colocado à margem da vida social e, muitas vezes, totalmente rejeitado pelos familiares. Cabe lembrar, porém, que tal representação na sociedade moderna ocidental não é absoluta em culturas outras, onde havia uma espécie de domínio social dos mais velhos. Nestas, tal fase da vida chegava a ser reconhecida como o ápice da sabedoria. De acordo com Eliane Blessmann (2004):

Na sociedade moderna predomina a racionalidade e o trabalho produtivo e criativo próprio para os mais jovens, então a velhice passa a ser reconhecida pela decadência física e ausência de papéis sociais. Esta é uma imagem negativa da velhice com a qual convivemos no século XX, pautada, sobretudo na fragilidade biopsíquica e na decadência, resultante da perda do status, de poder econômico e social, quando o mundo passa a ser dominado por quem detém a ciência e a técnica, ou seja, os mais jovens (BLESSMANN, 2004, p. 03).

É por essa desvalorização que passa Mocinha, que perdera toda a sua família, marido e filhos, e que, agora, dependia da boa vontade dos que a acolhiam, *peregrina*, itinerante, diaspórica, nessa vida:



Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada [...]. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de um, casa de outro (LISPECTOR, 1999, p.63).

Mocinha não fora sempre assim, sequinha, pequenina. Quem nos narra a sua história revela que ela foi transformada pelo tempo, vítima das mudanças causadas pela velhice. Passou de alta e clara a um corpo pequeno e escuro e de toda a história que tinha na vida só lhe restou a si mesma. Até mesmo as esmolas que recebia eram do tamanho em que agora se encontrava, afinal “[...] ela era pequena e realmente não precisava comer muito” (LISPECTOR, 1999, p. 63).

A personagem recebia alguma ajuda, sempre pouca, como um local para dormir. Não ganhava muita coisa, mas também não exigia muito. No momento atual, quando se situa a narrativa, sequer sabia explicar onde estava ou por que ali estava:

Dormia agora, não se sabia mais por que motivo, no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo. A família achava graça em Mocinha mas esquecia-se dela a maior parte do tempo. É que também se tratava de uma velha misteriosa. Levantava-se de madrugada, arrumava sua cama de anão e disparava lépida como se a casa estivesse pegando fogo. Ninguém sabia por onde andava. Um dia uma das moças da casa perguntou-lhe o que andava fazendo. Respondeu com um sorriso gentil:
- Passeando (LISPECTOR, 1999, p. 64).

Vinda do Maranhão, Mocinha passeava para conhecer o Rio de Janeiro. Como já havia dito, fora trazida por uma senhora “muito boa” que prometeu interná-la num asilo, porém a senhora foi abandonada na cidade maravilhosa. Então, mesmo vivendo há um tempo na casa, mal sentiam a presença ou se importavam com ela. Mocinha quase não falava, geralmente balançava a cabeça e sorria. Os hábitos de passeios noturnos, longe da visão alheia, demarcam, ainda mais, a invisibilidade em que se encontra a personagem, que sai de casa e volta sem quase ser notada, misteriosa, ninguém sabe o que acontece em suas saídas, nem se preocupam. Temos, portanto, um sujeito feminino subalterno, invisível e silenciado.

De acordo com Spivak (2010), podemos ver que a relação da imagem da mulher e o silêncio é algo presente na realidade de muitas. No caso da mulher idosa, como o de



nossa protagonista, a situação de violência simbólica manifesta-se na ausência da palavra (e da vontade própria): “[...] muda como sempre esteve” (SPIVAK, 2010, p. 112).

Invisível, Mocinha vivia na casa de Botafogo, sem conforto ou regalias, tampouco cuidados. Um dia, se deram conta da presença dela e perceberam que não a queriam mais ali:

Sua vida corria assim sem atropelos, quando a família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais. De algum modo tinham razão. Todos lá eram muito ocupados, de vez em quando surgiam casamentos, festas, noivados, visitas. E quando passavam atarefados pela velha, ficavam surpreendidos como se fossem interrompidos, abordados com uma pancadinha no ombro: “olha!”. Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal-estar irritado, a velha enervava-a sem motivo (LISPECTOR, 1999, p. 64).

Ao ser rejeitada pela família da casa onde morava, abre-se a possibilidade da viagem na vida de Mocinha. Eles cogitaram levá-la para Petrópolis, cidade onde morava um dos irmãos daquela família e sua esposa alemã, fator que animou a todos. O narrador mostra-nos o quanto é incômoda a presença do idoso para nossa sociedade, principalmente, pela ausência de vínculos afetivos. A perspectiva da viagem, entretanto, causou uma sensação diferente em Mocinha:

Por que Mocinha não dormiu na noite anterior? À ideia de uma viagem, no corpo endurecido o coração se desenferrujava todo seco e descompassado, como se ela tivesse engolido uma pílula grande sem água. Em certos momentos nem podia respirar. Passou a noite falando, às vezes alto. A excitação do passeio prometido e a mudança de vida, de repente aclaravam-lhe algumas ideias (LISPECTOR, 1999, p. 65).

Quando chegamos a este ponto do texto, observamos que a memória de Mocinha estava apagada, emudecida como ela própria. A idosa não tinha consciência de si e de sua família, não se lembrava das coisas que vivera até então. Permeada pelos elementos da *colonialidade* por todos os lados, não tem voz própria nem a quem dizer sua história e, por grande parte da narrativa, nem lembranças:

Lembrou-se de coisas que dias antes juraria nunca terem existido. A começar pelo filho atropelado, morto debaixo de um bonde no Maranhão [...]. Lembrou-se da xícara que Maria Rosa quebrara e de



como ela gritara com Maria Rosa. Se soubesse que a filha morreria de parto, é claro que não precisaria gritar. E lembrou-se do marido (LISPECTOR, 1999, p. 65).

Percebemos que a vida da personagem Mocinha é marcada por tragédias, as quais a fizeram seguir sozinha em sua peregrinação. É durante a lembrança remota da família e da tentativa de descobrir como se vestia o marido no enterro dos filhos, que seu corpo também desperta, e, pela primeira vez, sente a dureza da cama, além disso, é tomada por uma fome furiosa, saciada por um pão envelhecido que guardava secretamente em suas coisas. Parece retomar a vida, também esquecida.

O envelhecimento é um processo natural da vida marcado pelas inúmeras perdas, no caso de Mocinha, as perdas vão além do vigor físico e da aparência, ela não possui bens materiais nem posição social nem redes de relações, não conseguiu acumular nada que lhe desse um sossego na idade avançada. Segundo Quijano (2013), há alguns atributos que são utilizados pelas relações de poder para classificar os sujeitos socialmente e lhes destinar lugares de subalternidade ou não:

Na história conhecida anterior ao capitalismo mundial pode-se verificar que nas relações de poder, certos atributos da espécie tiveram um papel central na classificação social das pessoas: sexo, idade, força de trabalho são sem dúvidas os mais antigos. Da América acrescentou-se o fenótipo. O sexo e a idade são atributos biológicos diferenciais, ainda que o seu lugar nas relações de exploração/dominação/conflito esteja associado à elaboração desses atributos como categorias sociais (QUIJANO, 2013, P. 55-56).

Mocinha é mulher, velha, sem posses, ocupa um lugar subalterno e marginalizado. O peso da idade e as falhas cada vez mais frequentes de memória retirou-lhe o valor como força de trabalho. Quijano (2013), porém, desvela a colonialidade do poder, do saber e do ser contidos no discurso que despreza a velhice e a subordina. Maldonado-Torres (2013) situa a origem do ser colonizado:

Este *ser-colonizado* emerge quando poder e pensamento se tornam mecanismos de exclusão [...]. É verdade que o *ser-colonizado* não resulta do trabalho de um determinado autor ou filósofo, mas é antes um produto da modernidade/colonialidade na sua íntima relação com a colonialidade do poder, com a colonialidade do saber e com a própria colonialidade do ser (MALDONADO-TORRES, 2013, p. 32).



Mocinha situa-se no entrecruzamento das quatro colonialidades (poder, saber, ser e de gênero). O tratamento dos idosos nas ditas sociedades modernas pode ser encarado como uma das marcas da colonialidade do ser, visto que “[...] refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcadas por dinâmicas de poder de caráter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades” (MALDONADO-TORRES, 2013, p. 43). Infelizmente, é característica da sociedade capitalista/moderna, que visa ao incremento da força de trabalho e ao lucro.

A discriminação da pessoa idosa quando se trata da mulher é permeada, também, pela objetificação do corpo feminino, a servir ao prazer do homem e à reprodução. Na juventude, com seus atributos físicos valorizados socialmente, a mulher detém um espaço. Velha, a mulher somente acumula perdas, até da memória, que foi colonizada:

A transformação civilizatória justificava a colonização da memória e, conseqüentemente, das noções de si das pessoas, da relação intersubjetiva, da sua relação com o mundo espiritual, com a terra, com o próprio tecido de sua concepção de realidade, identidade e organização social, ecológica e cosmológica (LUGONES, 2014, p. 938).

A partir dessa perspectiva, o envelhecer reverbera na desumanização do ser mulher, corpo e vitalidade se esvaem. Invisível na sociedade capitalista e periférica, a mulher idosa não pode produzir cultura, tem a saúde debilitada e já não conta com a beleza (de acordo com os padrões estereotipados). Nesse ínterim, ainda recorreremos a Lugones (2014):

Pode-se começar a observar o vínculo entre, por um lado, a introdução colonial do conceito moderno instrumental da natureza como central para o capitalismo e, por outro, a introdução colonial do conceito moderno de gênero. Pode-se notar como este vínculo é macabro e pesado em suas ramificações impressionantes. Também se pode reconhecer, com o alcance que estou dando à imposição do sistema moderno colonial de gênero, a desumanização constitutiva da colonialidade do ser (LUGONES, 2014, p. 938).

Voltando para o conto, Mocinha demorou a dormir envolvida com suas memórias reavivadas, o que fez com que, pela primeira vez, tardasse em acordar. Uma das moças da casa a despertou dizendo que já era hora da viagem. A senhora arrumou-se, penteou o cabelo com o velho pente quebrado, e “quando enfim se aproximou do automóvel, o



rapaz e as moças se surpreenderam com seu ar alegre e com os passos rápidos. ‘Tem mais saúde do que eu!’, brincou o rapaz. À moça da casa ocorreu: ‘E eu que até tinha pena dela’” (LISPECTOR, 1999, p. 66). A citação demonstra como as pessoas da casa viam Mocinha, como alguém digno de pena, piedade esta que se desfazia em indignação diante de qualquer atitude menos dependente e animada da velha senhora.

A viagem inicia e, desde a partida do automóvel, a protagonista começa a sentir uma dor no peito, num misto de alegria e dilaceramento. No mais, a viagem correu muito bem e, pelo caminho, a idosa olhava atenta para as pessoas, paisagens e animais engolidos pela velocidade, até que dormiu. Quando acordou, sentia ainda um mal estar, lembrou-se do marido e questionou-se um pouco sobre sua vida e sobre o fato de ela nunca ter decidido sobre sua própria vida: “Foi quando Mocinha começou finalmente a indagar. Que fazia ela no carro? Como conhecera seu marido e onde? Como é que a mãe de Maria Rosa e Rafael, a própria mãe deles, estava no automóvel com aquela gente? Logo depois acostumou-se de novo” (LISPECTOR, 1999, p.67).

Mais uma vez, a memória lhe falta e ela se resigna à sua condição de peregrina, diaspórica, sem pátria, sem história, sem protagonismo. Mais uma vez, ela seria deixada, assim como quando viera do Maranhão, na promessa de um bom lugar para ficar. Os irmãos que a levaram para Petrópolis resolveram não ir até a casa do terceiro irmão - o narrador ressalta haver algum desentendimento entre eles, o fato da esposa de Arnaldo ser alemã é também alvo das críticas da família - deixando Mocinha buscar abrigo sozinha, guiada pela própria sorte:

[...] Olha, Mocinha, você entra por aquele beco e não há como errar: na casa de tijolo vermelho, você pergunta por Arnaldo, meu irmão, ouviu? Arnaldo. Diz que lá em casa você não podia mais ficar, diz que na casa de Arnaldo tem lugar e que você até pode vigiar um pouco o garoto, viu... (LISPECTOR, 1999, p. 68).

Finalmente, Mocinha chega ao seu lugar de destino e só, instantes antes de entrar na casa de Arnaldo, é que entende sua possível função ali: cuidar da criança da casa. Ao chegar, Mocinha não encontra Arnaldo e se põe a esperá-lo, sendo alvo de desconfiança por parte da esposa dele:

A mulher alemã examinara-a de vez em quando em silêncio: não acreditava na história da recomendação da cunhada, embora “de lá”



tudo fosse de se esperar. Mas talvez a velha tivesse ouvido de alguém o endereço [...]. É que aquela história não estava nada bem contada, e a velha tinha um ar sabido, nem sequer escondia o sorriso. O melhor seria não deixá-la sozinha na saleta, com o armário cheio de louça nova (LISPECTOR, 1999, p. 68).

Durante a espera, diante do olhar desconfiado da alemã, Mocinha “entendeu que era para ficar sentada” (LISPECTOR, 1999, p. 68). Enquanto isso, tomada pela fome, desejava o café da manhã, ou pelo menos um pouco de café. A memória voltava a falhar:

Uma pequena luz iluminou Mocinha: domingo? Que fazia naquela casa em vésperas de domingo? Nunca saberia dizer. Mas bem que gostaria de tomar conta daquele menino. Sempre gostara de criança loura: todo menino louro se parecia com o Menino Jesus. O que fazia naquela casa? Mandavam-na à toa de um lado para outro, mas ela contraria tudo, iam ver. Sorriu encabulada: não contraria era nada, pois o que queria mesmo era café (LISPECTOR, 1999, p.69).

Deparamo-nos com os sentimentos ambíguos da protagonista e com sua memória fragilizada. Ela acha bonita a criança de que teria que cuidar e que lhe lembrou o Menino Jesus que lhe ensinaram. É curioso como Clarice Lispector sutilmente expõe a colonialidade de seu pensamento: Jesus, louro, mesmo sendo judeu. Mocinha não estava entendendo o que fazia ali, quer ir embora, mas sente fome; assume a impossibilidade de fazê-lo. A personagem frustra-se em sua vontade mais uma vez, pois em nenhum momento o café, tão esperado, lhe é servido. Ela continuou seca, muda, à espera de Arnaldo. Diante de tanta comida, a mulher alemã não “ouviu” a fome contida no sorriso e no olhar lacrimejante da velha que mal chegara e já era um estorvo. A espera é interrompida pela chegada de Arnaldo, que após conversar reservadamente com a mulher, mais uma vez, reforça a rejeição por que passa Mocinha ou Margarida (para lembrarmos o seu nome próprio):

- Não pode ser não, aqui não tem lugar não.
E como a velha não protestasse e continuasse a sorrir, ele falou mais alto:
- Não tem lugar não, ouviu?
Mas Mocinha continuava sentada [...]. Diante do sorriso malicioso da velha, ele se impacientou:
- E agora estou muito ocupado! Eu lhe dou dinheiro e você toma o trem para o Rio, ouviu? Volta para a casa de minha mãe, chega lá e



diz: casa de Arnaldo não é asilo não, viu! (LISPECTOR, 1999, p. 69-70).

Mocinha, como sempre, passiva, depois de muito Arnaldo enfatizar a ideia, compreendeu que não era bem-vinda naquela casa. Arnaldo representa a voz social que rejeita a pessoa idosa. Aceitou o dinheiro que lhe foi ofertado pelo homem, e falou, por sinal uma das poucas vezes que vemos um discurso direto de sua parte: “- Obrigada, Deus lhe ajude” (LISPECTOR, 1999, p. 70).

A idosa saiu da casa sem destino, lembrando-se dos filhos e do marido. Ao invés de seguir as ordens de Arnaldo, afastou-se da estação, porque pretendia, como fazia no Rio de Janeiro, passear um pouco. Admirava a beleza de Petrópolis. A sede que sentia foi saciada pela água de um chafariz que encontrou no caminho. Observava:

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu (LISPECTOR, 1999, 71).

Dessa vez, ao final do conto e da vida, Mocinha contrariou, ainda que em silêncio, mas admirando a beleza do ambiente por que realizou sua peregrinação. Ela não fica em Petrópolis como pretendia a família de Botafogo, assim como não retorna para lá, intenção de Arnaldo, tampouco consegue um lugar num asilo, promessa da senhora maranhense. Pelo contrário, cansada ela deixa a vida, toma outra via, na estrada, sob a sombra, talvez o único conforto de sua jornada.

Considerações finais

A obra de Clarice Lispector permite-nos pensar a sociedade em características e comportamentos que vigoram até os dias de hoje. A condição feminina e seus deslocamentos são traços presentes na maior parte de sua obra. No caso aqui destacado, vimos como centro da narrativa a figura da mulher idosa e seus dramas: subalternidade, silenciamento, abandono, sintomas de uma sociedade dita moderna e ocidental,



capitalista, implacável à condição dos sujeitos que não têm condições de servir ao modelo produtivo atual.

Em “Viagem a Petrópolis”, a partir de situações cotidianas, Clarice Lispector nos faz identificar uma protagonista sem protagonismo de sua vida. Só fala diretamente uma vez, é do seu fluxo de consciência que o narrador faz sua voz surgir. Mocinha é uma personagem que teve sua memória quase que totalmente apagada com o envelhecimento, sem lembranças da vida pregressa (afinal tem raros lapsos de recordações) e sem palavras vive com quase nada, vagando pelos caminhos da vida, encaixando nos parâmetros de colonialidade do saber, do ser, do poder, subalternizada, colonizada.

O fluxo de consciência é a estratégia usada pelo narrador para extrair do silêncio da idosa os elementos que possibilitam ao leitor e à crítica compreender as faltas e os descasos que compõem a vida da personagem. O narrador, atento, registra todo e qualquer vestígio sua história, fazendo-nos perceber a transformação porque passou a personagem da juventude para a velhice. Assim é a partir de seu registro que pudemos conhecer a Mocinha alta, loira e atraente que se converteu na Mocinha miúda, abandonada e invisível.

Falar de si, porém, exige o “cuidado de si” como uma atitude que se desdobra de outras, por meio das quais o sujeito tende a olhar para dentro de si num ato reflexivo. Assim, o sujeito pode reler seu passado com o intuito que, muitas vezes, é a reorganização de sua vida. Sujeitos colonizados, porém, são “não-sujeitos”. Sofrem, mas não vão além. O sofrimento *não* narrado impede o restabelecimento das relações sociais e sua reconstituição identitária. Desumanizados, esquecem de si.

Mocinha, a não-narradora, “sucateada”, velha, sem recursos, sem memórias, tornou-se uma coisa que a ninguém pertence e que ninguém quer, amargando o abandono social. Vem a padecer de uma morte solitária e indigente, no meio da estrada. Nossa protagonista morre como se nunca houvesse existido.

Referências bibliográficas

BLESSMANN, Eliane Jost. CORPOREIDADE E ENVELHECIMENTO: o significado do corpo na velhice. *Estud. interdiscip. envelhec.*, Porto Alegre, v. 6, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/viewFile/4737/2661>>. Acesso: 04 nov. 2013.



GOTLIB, Nádya Batella. Clarice. *Uma vida que se conta*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995, 493 p.

LISPECTOR, Clarice. *A Legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, 94 p.

_____. *Laços de Família: contos*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3):320, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>. Acesso: 20/3/2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, Império e Colonialidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul* [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013, pp. 337-382.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul* [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013, pp. 73-117.

ROCHA, Iraci Simões da. Notas de aula. Estrutura da Narrativa: Aspectos Gerais. Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa. Disciplina: Introdução aos Estudos Literários. Universidade do Estado da Bahia, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 133 p.